

## KAMALA KHAN: A LUTA CULTURAL PESSOAL NA NOVA MARVEL

Gabriel Braga Ferreira de Melo (UERJ)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O convívio com a diferença é um problema da atualidade. Imigrantes e nativos precisam aprender a viver em uma realidade desfavorável e incontrolável. Tal convívio fez com que a ideia de um *melting pot* que eliminaria as diferenças fosse substituído pelo movimento do multiculturalismo dentro dos Estados Unidos. Esta comunicação visa apresentar como o diálogo entre culturas, a questão do não pertencimento a um único lugar cultural e a alteridade são trabalhados nas revistas da nova Miss Marvel; como tal revista se torna uma arena de debate da realidade do país; e como a heroína se torna uma ferramenta para a conscientização dos estadunidenses do mundo real sobre uma sociedade cada vez mais heterogênea.

**Palavra-chave:** Cultura; Pertencimento; Quadrinhos; Kamala.

Vivemos uma nova Era nos quadrinhos de super-heróis; a era da revolução. As minorias não são mais apenas vistas, elas se fazem ver, se impõem e falam para serem ouvidas, as minorias estão cada vez mais presentes e o multiculturalismo é a nova regra da indústria como um todo e não apenas da revista de um ou outro herói.

Essa nova Era é reflexo direto dos deslocamentos que ocorreram em todo o mundo ao longo dos anos e que trouxeram, como consequência, a quebra das fronteiras e a crise nos conceitos de nação e de identidade nacional homogêneo. Tal fato ocorre a partir do momento em que diferentes minorias, ou grupos em posições minoritárias, começaram a reivindicar seus espaços e o direito de ter sua voz ouvida, o que acaba por tornar cada vez mais complexas as questões de pertencimentos identitários. Como resultado, as identidades tornaram-se mais complexas e mais fluídas neste período denominado por Bauman (2001 [2000]) de modernidade líquida.

Tal fluidez diminui o poder de sedução que o ato de pertencer a um grupo possui, o que aumenta consideravelmente o número de possibilidades que uma pessoa pode utilizar para construir sua identidade. Sem uma necessidade tão rígida de ser pertencente a uma coletividade e com muitas características das quais se pode fazer uso à vontade, a força da noção de identidade se vê diminuída e, como consequência, “a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante” (BAUMAN, 2005, p.30). Uma identificação menos fixa, menos imóvel e, sobretudo, sem ser a detentora de uma verdade absoluta. Assim, a identidade é um processo, muito mais do que um ponto a se chegar.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Contato: gabrielbfmelo@gmail.com

Como nos adverte Bauman (2013 [2011], p.41), “Pela primeira vez a ‘arte de conviver com a diferença’ tornou-se um problema cotidiano”. Ainda segundo o sociólogo, isso faz com que os imigrantes tenham que aceitar ser outra “minoridade étnica” no país em que estão, que os nativos lidem com o fato de estarem cercados de diásporas e que ambas as categorias precisem aprender a viver com esta realidade desfavorável, a qual não poderão controlar.

Este convívio forçado entre diferentes fez com que, como analisa Skar (2001), nos últimos anos, uma consciência das múltiplas tradições culturais que formam a sociedade crescesse e, como resultado, a ideia de um *melting pot* que eliminaria as diferenças de grupos de imigrantes desse lugar ao movimento do multiculturalismo dentro dos Estados Unidos. O outro já havia se estabelecido, não habitava mais uma terra distante a qual permitia que se visitasse quando quisesse contato com o diferente, mas, passado o desejo, pudesse regressar e esquecer-lo e se sentir livre de um contato não mais desejável, em outras palavras:

Não basta mais entender ou mitificar a cultura – o exotismo – do outro, imaginado à distância sob os traços do “estrangeiro”; agora é preciso viver, na imediatidade do cotidiano, a coexistência com os modos de vida vindos de outros lugares, e cada vez mais heteróclitos. (LANDOWSKI, 2002, p.4)

Essa nova relação com o outro reformula também o que a sociedade demanda de suas partes, se eles estão presentes no cotidiano e lutam para se fazer ouvir, é necessário também que a literatura dê espaço a eles. Como Bernd (2010, p.20) expõe:

A necessidade maior parece ser agora, a construção de identidades que têm por base a inclusão (étnica, de gênero, de culturas e grupos que ficaram à margem dos sistemas oficiais), reivindicando uma visibilidade ocultada nos projetos de identidade nacional e literária dos séculos XIX até a metade do XX. O outro, excluído e minorizado, deixa de ocupar a posição marginal e periférica, refazendo cartografias identitárias até então vigentes, pondo em xeque os conceitos de identidade nacional e literária e exigindo que essas categorias sejam revistas.

Os quadrinhos responderam de imediato ao clamor de algumas dessas identidades, mas em uma ou outra revista e em momentos pontuais. Foram necessárias algumas décadas para que a mídia respondesse como um todo. Este momento chegou. Embora demorado, ainda mais rápido do que em outras mídias populares como a

televisão e, principalmente, o cinema. E não podia ser diferente. Criados por oprimidos (judeus), rejeitado pelos devotos da “Alta Cultura” que a relegam a um caráter marginal e adotada no meio *nerd* – classe que, em algum momento da vida, sempre se encontra oprimida, rejeitada e perseguida –, os *comics* são um meio naturalmente predisposto a essas lutas.

Como expressão das mais variadas faces da vida humana e onde cada aspecto pode ser encontrado em suas histórias, os quadrinhos transportam o debate das diferenças para dentro de uma mesma cultura. Cria-se um mundo que caminha para uma representatividade cada vez mais acurada da diversidade cultural que existe hoje.

Cabe aqui ressaltar que não caio na inocência de considerar que os *comics* estão adotando a diversidade e sendo cada vez mais representativos pelo simples fato de serem tão generosos quanto os heróis das revistas. Lógico que a propaganda massiva gerada pelo debate entre os fãs e em meios especializados como resposta ao aumento de tal representatividade e o fato desses personagens trazerem para a indústria um público que antes andava distante dos quadrinhos são um incentivo muito grande para tal política por resultarem em mais dinheiro para as editoras. Porém, não vejo como a adoção de uma atitude cínica que diminua a importância de tal ação, só pelo fato de que quem a toma acaba também ganhando dinheiro com ela, seja um caminho realmente válido e honesto para a análise de tal processo. Afinal, tal lógica que se aplica aos quadrinhos também se aplica aos seriados, novelas e filmes e, no entanto, não vemos os mesmos progressos significativos nessas mídias.

O problema da diversidade e representatividade de minorias tanto nas histórias quanto no seu corpo de roteiristas e desenhistas vem sendo diminuído ao longo dos últimos anos. É um processo lento, com alguns acertos e alguns erros – felizmente mais acertos expressivos do que erros significativos – e com muito caminho ainda pela frente, mas que progride a cada ano que passa, o que é um bom sinal.

Com tais mudanças ocorrendo, diversos questionamentos são levantados pelos *comics*; a problemática do Outro é um deles e, no presente trabalho, me atenho a esta discussão.

Retomando a ideia dos deslocamentos ocorridos globalmente nos últimos anos, é natural que cada vez mais pessoas se sintam forasteiras em um grupo, um elemento que não se encaixa no ambiente em que se encontram. Tal sentimento de estar fora da moldura esperada pela maioria é um sentimento comum ao fã de quadrinhos já que este, em algum momento da vida, muito possivelmente passou pela sensação de ser rejeitado

por algumas pessoas determinarem que ele é esquisito por ter algo que o torna diferente. Por isso, muitos fãs sentiram o peso de ter que esconder o objeto que os torna diferentes, os quadrinhos, mesmo sendo algo importante para eles. A alienação sentida, em maior ou menor grau pelo fã de quadrinhos, é um dos fatores que possibilita dizer que, apesar dos números de vendas, os *comics* ainda são uma literatura marginal.

Por essa característica marginal, os *comics* sempre foram, na sua essência, sobre sujeitos deslocados, apenas atendendo pelo nome de sujeito *nerd*. Portanto, não é um passo realmente incompreensível ou inimaginável o reconhecimento por parte dos quadrinhos dos deslocados de um ponto de vista cultural. E é também exatamente essa a razão de tais heróis deslocados serem tão bem recebidos pelos fãs de quadrinhos, a identificação entre semelhantes. O exemplo recente mais icônico é a jovem muçulmana Kamala Khan.

Kamala é uma personagem completamente nova no Universo Marvel que teve que passar por provações antes mesmo de ir para as prateleiras das lojas de quadrinhos. Por ser adepta do Islã, o simples anúncio da então futura revista da heroína que herdaria o manto de Miss Marvel já causou grande repercussão negativa e preconceituosa por parte da mídia não-especializada em geral. Chegou-se ao ponto de se dizer que a existência da personagem seria uma derrota na “guerra cultural” que os Estados Unidos travam contra os países islâmicos (LEHRER, 2013).

Entretanto, o que se viu quando a heroína chegou às prateleiras foi apenas um grande sucesso de vendas. Kamala foi abraçada pelos leitores de quadrinhos e o ódio foi, se não extinto, silenciado pelos elogios dos fãs. Seus números de vendagem e sucesso a colocam em um patamar de estreia alcançado somente por heróis como Homem-Aranha, Batman e Superman, entre outros grandes nomes dos quadrinhos.

Tal sucesso é simples de entender e pode ser resumido em uma única palavra: identificação. Kamala Khan é o leitor de quadrinhos transportado para dentro da revista. Possui os mesmos gostos, os mesmos hábitos e as mesmas reações que a maioria dos fãs demonstram pelos seus heróis preferidos. Com a diferença que, no caso dela, tais heróis existem de fato e ela pode encontrá-los nas ruas. Os problemas que a heroína enfrenta também são de fácil compreensão para os leitores, Kamala precisa conciliar sua vida heroica com os estudos, lidar com colegas nem sempre agradáveis no colégio e esconder a verdade dos pais que exigem que ela esteja em casa na hora de dormir e acham que ela está fazendo algo errado por nem sempre chegar no horário estabelecido. Em todos os

aspectos, Kamala Khan é uma pessoa comum, com problemas cotidianos, mas com superpoderes, e suas aventuras são contadas em histórias leves e agradáveis.

Kamala não se rende ao discurso da modernidade que, como define Toro (2010), propunha a universalização de discursos e a homogeneização e assimilação do outro, com a perspectiva do centro como um único discurso. Ela vive uma nova realidade, uma nova cultura mundial marcada pela diversidade em oposição à reprodução de uma uniformidade.

Sem ser assimilada pela cultura dominante, Kamala experimenta tanto a cultura estadunidense em que vive, quanto a paquistanesa de seus pais e cria um espaço entre as duas, deslocando significados, dialogando e negociando a sua diferença e sua identificação, seu pertencimento e sua alteridade em relação a cada uma das margens culturais. Kamala habita um entre-lugar, como definido por García Canclini (2008), em que a relação da cultura com o território geográfico é perdida, promovendo um choque entre diferentes visões e gerando um sujeito híbrido, mais experimental e tolerante. Ela é a representação da noção desse hibridismo cultural.

Em suas histórias, vemos como Kamala é diferente da maioria das pessoas por ter consciência de duas culturas. Sua mãe e seu irmão tentam viver nos Estados Unidos a vida que teriam no Paquistão, como consequência, sentem como se a vida no país ocidental fosse uma afronta ao que é certo. Kamala, contudo, entende que não há como manter uma pureza e, rejeitando também a ideia de ser aculturada e assimilada, cria em si diferentes níveis de cultura islâmica e ocidental. Desse modo, a personagem é produzida pela cultura dominante, mas também acaba por ativamente produzir essa cultura dominante.

Ao receber sinais de diferentes culturas conflitantes entre si, a heroína precisa administrar esse choque cultural e encontrar o seu caminho próprio. Valores opostos precisam ser conciliados, negociados e renegociados incessantemente. Kamala precisa aprender a ser uma tradutora no sentido que define Hall (2005, p.89), isto é, identidades:

Obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas" (e não a uma "casa" particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar

ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural "perdida" ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. A palavra "tradução", observa Salman Rushdie, "vem, etimologicamente, do latim, significando "transferir"; "transportar entre fronteiras". [...] são o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.

Kamala sabe que não pode manter uma opinião rígida acerca de tudo, é uma personagem de uma realidade móvel. Por intermédio das trocas que efetua com outras identidades, discute, abala, desconstrói e reformula certezas e conformismos próprios e dos outros. De certa forma, Kamala é livre, mas não tem o privilégio de poder parar de se movimentar. Ela é a representação do próprio entreespaço, sempre em movimento, nunca fixo ou estático.

Tal falta de uma forma fixa e estática se reflete, inclusive, em seus poderes. Kamala é uma alteradora de formas. Ela pode ficar gigante ou minúscula. Pode também se transformar em quem quiser ou no objeto que quiser. Fluída, adaptável, inconstante e aberta a mudanças. Seus poderes refletem o modo como ela sempre teve que viver antes mesmo de ganhar características sobre-humanas.

Contudo, toda essa fluidez e mobilidade não vêm sem um preço. Kamala nunca está livre de um embate entre culturas e não conhece descanso do seu posto de tradutora, negociadora intercultural. Ela já percebeu que fingir ser o que não é pode ser extremamente danoso. Logo assim que recebe seus poderes e, portanto, sem domínio sobre eles, Kamala escuta a voz de Zoe, uma amiga de escola, e, quase que como um reflexo, se transforma na figura de Carol Danvers, a heroína 100% estadunidense definida por Kamala como loira, poderosa e sem todo o conflito cultural. Assim que essa transformação acontece, a nova Ms. Marvel percebe que, sempre que escuta a voz da amiga, ela tem a necessidade de parecer alguém mais legal e mais aceitável aos olhos de Zoe, mas percebe que, no fim das contas, tal atitude só a faz se sentir pequena e insignificante – nesse momento, como reflexo do processo de compreensão, seus poderes a fazem diminuir e ficar do tamanho de um inseto. A partir desse momento, Kamala começa a tomar uma consciência crítica acerca de seus sentimentos e as relações de harmonia e combate que são estabelecidas em contatos interpessoais no seu dia a dia e das quais não pode fugir.

Percebe-se, portanto, que a nova Ms. Marvel é uma super-heroína que, diferente de muitos outros heróis, tem a luta mais importante e complicada quando não está com o uniforme: a de viver entre duas culturas, às quais ela nunca poderá pertencer por inteiro. Uma personagem que entende exatamente o que Bauman (2005, p.19) quer comunicar quando escreve que:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

Kamala se encontra em eterno conflito da sua porção estadunidense com seus pais de cultura muçulmana e da sua porção muçulmana com seus amigos de cultura ocidental. Contudo, ao mostrar que muitos dos problemas da garota muçulmana são iguais aos de tantos outros jovens de origens diferentes da dela, a personagem mostra-se mais relacionável aos leitores e torna estes mais inclinados e capazes a perceber, através dos olhos da heroína, o Outro não como um diferente, mas como uma pessoa humana como qualquer outra que pode diferir ou não da identidade do leitor.

Com todo esse poder de empatia em suas mãos, Kamala se tornou uma importante ferramenta na luta contra o preconceito nos Estados Unidos. Em tempos nos quais alguns políticos formam opiniões na sociedade em direção a um sentimento anti-islâmico e até de guerra ao Islã, a personagem dos quadrinhos, com todo o seu alcance, nos apresenta o outro lado. Kamala mostra a todos que sua religião não a faz tão diferente assim do jovem não-islâmico, que ela não é incapaz de sentir as mesmas emoções e ter que enfrentar as mesmas dificuldades que outros. Muito pelo contrário, através de suas histórias, é possível ver que ela tem muitos dos mesmos problemas. Em suas revistas, o foco das histórias está nos problemas surgidos nas relações de amizade, de amor e familiares da personagem e também nas complicações que aparecem para alguém que está deslocado, que é o diferente onde quer que esteja. Kamala mostra um contraponto à política de guerra e uma opção contra o preconceito.

Porém, não é só a cultura estadunidense o alvo da análise e discussão de Kamala, a heroína também se coloca em constante debate com a cultura de seus pais. Kamala é um sujeito híbrido. Não pode viver apenas na margem paquistanesa ou na estadunidense. Ela vive no meio das duas, não como uma composição resultante de duas culturas, mas como um ser traduzido.

A nova Ms. Marvel não precisa ir à guerra para poder levantar e defender sua bandeira. Ainda assim, a heroína conseguiu o seu espaço como uma das revistas mais importante e de maior influência da Marvel atual.

Muito do acerto vem também do fato de a Marvel deixar a heroína nas mãos da roteirista G. Willow Wilson, uma estadunidense convertida ao Islã e que divide seu trabalho de escritora de quadrinhos e livros com o de ensaísta e jornalista focada na literatura árabe; e sob o comando da editora Sana Amanat, uma estadunidense que cresceu na realidade de ser muçulmana nos Estados Unidos. Ou seja, em maior ou menor grau, duas Kamalas do mundo real. Desse modo, a revista da nova Miss Marvel permite que o sujeito nela reproduzido seja também aquele que a produz.

O resultado é sensível. Além das inúmeras manifestações de pessoas contando através de *tweets*, cartas publicadas na revista e outros meios da internet o quanto estão felizes de poderem se ver representadas através da Kamala – seja por ser uma garota, seja por ser filho de estrangeiros ou mesmo por serem muçulmanos nos EUA –, já houve um caso em São Francisco da imagem da heroína ser usada em um ônibus por pessoas não ligadas à Marvel para ocultar uma mensagem de ódio ao Islã e alterar a mensagem por uma de paz e igualdade (ROMANO, 2015).

Esse ocorrido nas ruas de São Francisco dá ainda mais esperança de que os *comics* podem e estão afetando a sociedade e levando-a em direção a uma aceitação cada vez maior do outro culturalmente diferente. Resistência ainda existe, o preconceito ainda é grande, mas esses super-heróis mostram que são capazes de, através da exposição da sua hibridez, da sua mestiçagem, da vida daquele que não habita margens, mas o espaço entre elas, nos conscientizar, nos deslocar e nos tornar mais compreensíveis com o diferente.

Kamala não é a única dos novos heróis que enfrenta essas batalhas e nos leva nessa direção. A lista, felizmente, é longa e bastante diversificada. Mas, sem dúvida, cabe a ela o posto de expoente dessa nova geração de heróis. Salmon Rushdie (1991) definiu que parte do assunto da literatura é encontrar novos ângulos para entrarmos na realidade e que a distância e a perspectiva geográfica de quem vem de longe podem

oferecer tais ângulos. É exatamente essa nova visão que Kamala e os outros heróis desenraizados nos oferecem. Se aproveitando dessa experiência forçada de ser o diferente, o deslocado, esses novos heróis são capazes de “não mais confundir o real com o ideal, nem a cultura com a natureza: não é porque os indivíduos se conduzem de forma diferente que deixam de ser humanos” (RUSHDIE, 1991, p.27).

Com essa lição de maior tolerância, esses personagens nos trazem mais perto da civilização mais aprofundada que nos desenha Todorov (2010), uma civilização em que ter uma cultura não significará um confinamento eterno. Tais personagens também são capazes de, a partir de sua situação de desenraizados, confundir, desconcertar e, por fim, deslocar o sujeito da cultura dominante, recrutando esses para seu lado da luta, para sua “visão de desligamento com relação ao que vem naturalmente através da interrogação e do espanto” (RUSHDIE, 1991, p.27).

Por fim, passada a modernidade da indústria dos quadrinhos e tendo o formato entrado em uma nova Era, a função de símbolo da sociedade estadunidense, antes ocupado exclusivamente pelo herói nacionalista, se desloca das mãos desse tipo de personagem e passa a ser dividida com os personagens ex-cêntricos – tanto os representantes das minorias quanto os híbridos que vivem no entre-lugar da cultura estadunidense e a de origem de seus pais. Esses personagens se mostram mais adaptáveis às necessidades contemporâneas, dado o fato de possuírem um conceito de identificação mais maleável e sujeito a mudanças cada vez mais rápidas de uma modernidade inconstante e volátil. Por intermédio do diálogo entre essa variedade de heróis e também entre esses heróis e o público leitor e a mídia – por vezes, extremamente conservadora –, os heróis dos quadrinhos e suas histórias se revelam mais adaptados aos novos tempos e, com isso, são capazes de manter seu *status* de agentes de mudança e seguir apontando um norte em direção a um futuro cada vez mais aberto ao outro e à convivência melhor entre todos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 [2000].

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Cultura do mundo líquido moderno*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2013 [2011].

BERND, Zilá. “Colocando em xeque o conceito de literatura nacional”. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita Maria G. (orgs.). *Relações literárias interamericanas: território e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2010. p. 13-21.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. Trad de Ana Regina Lessa et al. 4 ed, 4 reimp. São Paulo: Edusp, 2008

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LANDOWSKI, Éric. *Presenças do outro*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEHRER, Brian. *Ms. Marvel's Reboot*. The Colbert Report, 2013. Disponível em: <<http://www.cc.com/video-clips/rpo0ya/the-colbert-report-ms--marvel-s-reboot>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2016.

ROMANO, Aja. *San Francisco activists fight Islamophobic ads with art of Muslim superhero Kamala Khan*. The Daily Dot, 27 de janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www.dailydot.com/geek/kamala-khan-graffiti-anti-islamic-bus-ad/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2016.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands: Essays and Criticism*. London: Granta, 1991.

SKAR, Stacey Alba D. *Voces híbridas*. La literatura de chicanas y latinas en Estados Unidos. Santiago: RIL Editores, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros*. Para além do choque das civilizações. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío*. Revista electrónica de literatura comparada, núm.5. Universitat de València, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 05/08/2012.